

ESCREVIVÊNCIA: Escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá vicêncio de Conceição Evaristo

Maria do Socorro Pereira de Almeida

Doutora em Literatura e Cultura, professora adjunta II do curso de Letras da UFRPE/UAST, Coordenadora de área do PIBID 2019 da UAST.

Simone Maria Bezerra

Graduada em Letras com habilitação em Português e inglês pela UFRPE/UAST

RESUMO

O trabalho tem como objetivo discutir como se dá a construção do eu feminino negro no romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, através da perspectiva de Escrivência e de identidade. A autora, ao trazer como protagonista a mulher negra, quebra as correntes da subalternidade que silencia a mulher e o povo negro ao longo dos séculos. Assim, dá a eles o direito de se autorrepresentar. Para atingir os objetivos propostos, partiremos das reflexões apresentadas por alguns estudiosos dos temas em questão, a exemplo de Mirian Alves, Djamila Ribeiro, Stuart Hall, Ana Rita Santiago, Nei Lopes e entre outros. A mulher negra nessa obra deixa de ser representada e passa a se autorrepresentar, contando e recontando suas histórias através de suas próprias vivências, mostrando uma visão de dentro para fora no que diz respeito aos medos, sonhos e a vida de uma protagonista mulher e negra. A “escrevivência” de Conceição Evaristo é impregnada de sua condição de mulher negra na sociedade brasileira, que infelizmente ainda é uma sociedade em parte misógina e racista. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e para elaboração, traçamos um caminho, primeiro busca conhecer melhor sobre a escrita de autoras negras no Brasil, depois brevíário sobre a obra da autora no intuito de saber mais sobre o estilo e a estética da mesma. Depois buscamos discutir algumas questões sobre ancestralidade e identidade bem como algumas perspectivas do eu feminino negro na obra. Ao longo do estudo foi possível perceber que Evaristo quebra as lentes impostas por quem fala de um gênero ou de uma etnia sem vivência ou conhecimento de causa e oferece voz a mulher negra silenciada há gerações pelo patriarcalismo e pelo preconceito racial, para que ela mesma conte sua própria história e sentimentos através de sua Escrivência.

Palavras-chave: Escrivência. Identidade. Literatura feminina negra.

WRITING-LIVING SUMMARY: WRITING AND IDENTITY OF THE BLACK FEMALE SELF IN THE NOVEL “PONCIÁ VICÊNCIO” BY CONCEIÇÃO EVARISTO

ABSTRACT

This paper aims to discuss the construction of a black female self in the novel *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, through the perspective of “writing-living” and identity. The author, by bringing the black woman as main character, breaks with the paradigms of subservience that silences the black women and people throughout centuries. Thus, she gives them the right to self-representation. In order to achieve the objectives, we start from the reflections presented by some researchers of the referred subjects, such as Mirian Alves, Djamila Ribeiro, Stuart Hall, Ana Rita Santiago, Nei Lopes, among others. In this work, the black woman is no longer represented and starts representing

herself, telling and retelling her stories through her own perspective, presenting a view from inside out in what concerns her fears, dreams and the life of a main character who is female and black. Conceição Evaristo's "writing-living" is filled by her condition of being a black woman in Brazilian society, which is still partly misogynous and racist. This is a bibliographical research and, to carry it out, we made use of two steps: first, we looked for the writing of black female authors in Brazil, and second, we read about the author's work in order to understand more about her style and aesthetics. Afterwards, we bring up questions about ancestry and identity, as well as some perspectives of black female self in the work. Along the study, it was possible to notice that Evaristo breaks the lenses imposed by those who own the power of speaking about a gender or ethnicity without living or knowledge, offering voice to the black woman who was silenced for generations by patriarchy and racism, so she can tell her own history and feelings through a "writing-living" experience.

Keywords: Writing-living. Identity. Black female literature.

1 CONCEIÇÃO EVARISTO E A ESCRIVIVÊNCIA

" A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos". (Conceição Evaristo)

Conceição Evaristo nasceu em Minas Gerais na cidade de Belo Horizonte, no ano de 1946. Se formou em letras pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), é Mestre em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Evaristo apresenta uma escrita engajada no movimento social e feminista, especialmente no que condiz às mulheres negras, suas obras têm grande repercussão tanto nacionalmente quanto internacionalmente, sendo uma das autoras afro-brasileiras mais citadas lá fora. Suas obras vêm ganhando destaque no campo acadêmico brasileiro e *Ponciá Vicêncio*, seu primeiro romance, é um dos livros mais requisitados. Conforme Evaristo (2005, p. 52), entoa uma "contra-voz a uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder da literatura brasileira".

Segundo Oliveira (2014), Evaristo emprega em suas narrativas, a afro-descendência, suas experiências de mulher negra no Brasil, em textos carregados de tradições e vivências. No entanto, é erro atribuir a toda essa voz autoral, uma voz única e voltada a sua própria experiência real de

vida. Assim, reveste-se de particular importância dizer que as narrativas de Evaristo são revestidas de uma memória coletiva, porém sem estar presa ao passado e sim uma memória que usa das lutas e anseios de seus antepassados para ter uma afirmação de si, ao mesmo tempo em que contribui para alteridade de outrem e assim, manter viva a cultura e com ela criar um futuro melhor, sem delegar ao esquecimento tudo vivido e lutado pelos seus ancestrais. Sob essa ótica, ganha particular relevância à literatura afro-brasileira, as obras de Conceição Evaristo como voz de autorrepresentação feminina negra.

A melhor maneira de compreender esse processo, é considerar de onde parte essa voz afro feminina, pois nasce da luta contra o racismo, misoginia, sexismo e falocentrismo. No entanto, não se trata apenas de uma guerra contra o branqueamento e silenciamento da voz feminina, vai mais além, pois se trata da afirmação de um eu ficcional e real que ecoa das páginas do romance com grande habilidade escritural.

A autora toca nas questões de exclusão social de várias formas, retratando as periferias de maneira realista como podemos observar no conto "Ana Davenga", do livro *Olhos d'água*. É interessante observar que, mesmo tratando de assuntos tão difíceis, Evaristo descreve esses cancos sociais com uma poeticidade pouco vista, que é uma das várias características da sua escrita. Conforme explicado acima, notamos o quanto importante é, o lugar de fala da autora para o combate ao preconceito na literatura brasileira contemporânea, particularmente no que condiz ao preconceito da escrita de mulheres negras.

Nas obras de Evaristo, ela coloca a figura do negro e as lutas internas e externas, dores, sonhos, vitórias e derrotas e, principalmente, seu olhar sobre o mundo e como esse mundo o vê. Mas há um fato que se sobrepõe a toda essa exploração de sentimento, são suas raízes africanas presentes em toda obra, podemos ver por exemplo quando ela descreve o arco-íris em *Ponciá Vicêncio*: Ponciá, quando menina, tinha medo de passar por baixo do arco-íris, porque os mais velhos diziam se uma menina passar por baixo da grande cobra celeste colorida haveria de tornar-se menino.

Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio. Recordou o medo que tinha durante toda a infância. Diziam que menina que passasse por debaixo do arco-íris virava menino. Ela ia buscar o barro na beira do rio e lá estava a cobra celeste bebendo água. Como passar para o outro lado? Às vezes ficava horas e horas na beira do rio esperando a colorida cobra do ar desaparecer. Qual nada! O arco-íris era teimoso! Dava uma aflição danada. Sabia que a mãe estava esperando por ela. Juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô. Depois se apalpava toda. Lá estavam os seios, que começavam a crescer. Lá estava a púbis bem plano, sem nenhuma saliência, a não ser os pelos. Ponciá sentia um alívio imenso.

Continuava menina. Passara rápido, de um só pulo. Conseguira enganar o arco e não virara menino. (EV, 2017, p. 13)

Na perspectiva cultural passada para Ponciá sobre o arco-íris, percebemos que é semelhante a milhares de outras superstições incutidas a pessoas para manter o domínio sobre elas. No caso específico de Ponciá, o arco-íris se apresenta, simbolicamente, como uma barreira que ela quebra, ou seja, dentre tantas formas de dominação que são colocadas em forma de credos para manter comportamentos e ações de pessoas ou grupos, aquela é mais uma que Ponciá, de certa forma, subverte. A maneira como a autora se refere ao arco-íris (cobra) remete a um elemento fálico e que tem relação com a sexualidade masculina e depois, ainda podemos observar que a serpente que enganou Adão foi, até certo ponto, ‘superada’ pela mulher – Ponciá uma vez que ela consegue passar pelo arco-íris.

Dessa forma, é possível dizer que Evaristo mostra subliminarmente a inteligência, a sagacidade, especialmente a capacidade da mulher, de se impor ao masculino. Nesse sentido, esse masculino vem carregado de significado, tanto no sentido do poder social quanto no sentido fálico de usar a mulher como objeto sexual, especialmente as mulheres negras que eram subjugadas ainda mais que as brancas no que concerne a sexualidade.

Observa-se também, na obra, a simbologia do barro em relação ao humano, (do pó ao pó) que nós somos barro e do barro para a vida e no caso da cultura afro, a ligação é bastante forte por trazer essa relação da vida depois da morte que se representa através do Barro. Quando Evaristo mostra a ligação que a personagem tem com o barro¹, percebe-se que para cultura bantu, o barro tem uma ligação muito forte com os mortos e com a ancestralidade, pois ele é extraído do rio, moradas dos espíritos dos mortos.

Pode-se dizer que o estilo literário de Evaristo é construído de uma linguagem poética marcada pela sua etnicidade. Neste contexto, fica claro que ela escreve contra hegemonia do cânone literário branco e do falocentrismo no Brasil, em uma escrita descolonizadora. Percebe-se na escrita de Evaristo, a importância dada a voz, aos sentimentos e as experiências tanto coletiva quanto individual, de um povo que foi e ainda é ignorado. Daí a perspectiva de escrituragem colocada pela própria autora para dar uma característica particular a sua forma de escrever.

¹ O termo barro na língua bantu quer dizer mavu

Evaristo é uma contadora de histórias e suas falas se misturam entre o real e o imaginário, mas a maestria com que coloca as palavras e a realidade que se assemelha ou dá vida as obras, nos conduzem para um misto de ficção e realidade. O termo *escrevivência* mostra que aquilo que vivemos ficcionalmente através das obras da autora é, na verdade, experiências de vida dela e de seus ancestrais pelos inúmeros países onde se deu, de alguma forma, a diáspora africana. O mais preocupante, contudo, é constatar que mesmo nos dias atuais, depois de tantas lutas, a escrita afrofeminina ainda se depare com tantos obstáculos na hora de publicar livros.

Segundo Alves (2011, p.183), "Ser mulher escritora no Brasil é também dispensar a mediação da fala do desejo delegada e exercida em última instância pelo homem investido do poder falocrático". Conforme mencionado por Alves, a escrita feminina produzida por escritoras negras vem para quebrar com a estereotipagem com que o negro, em especial a mulher negra, era descrito nas páginas dos livros literários.

Evaristo deixa claro que a escrita feminina por mulheres negras vem para anular a voz que, sem conhecimento de causa, as descreve, revelando uma imagem que as inferioriza, assim, a autora desconstrói a imagem de ser apenas um corpo negro. Nesse contexto, a literatura de escritoras negras tenta desconstruir uma imagem, um conceito, uma marca criada pela sociedade dominante, predominantemente burguesa, machista e branca. Noutro a mulher era descrita e agora ela se autorrepresenta, mostrando suas vivências, seus sentimentos e força através da escrita. E é justamente isso que Conceição Evaristo faz, ela se diz nas suas obras, ela representa todo um povo, reconstruindo assim, sua identidade afro.

Nesse contexto, percebe-se que: O texto de *Ponciá Vicêncio* destaca-se também pelo território feminino de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica. É desse lugar marcado pela etnicidade que provém a voz e as vozes-ecos das correntes arrastadas. Vê-se que no romance fala um sujeito étnico, com as marcas da exclusão inscritas na pele, a percorrer nosso passado em contraponto com a história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial. Mas, também, fala um sujeito engendrado, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito.

Pode-se dizer também que a escrita de Evaristo é impregnada de uma musicalidade que muitas vezes parece que estamos lendo a letra de uma música. Por exemplo, quando a autora emprega no

texto, repetições de palavras e sons e compõe suas narrativas com frases curtas e precisas imprimindo dessa forma uma poeticidade e musicalidade pouco vistas em textos escritos em prosa: “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal”. (EV. 2017, p.13)

Vê-se que tanto a repetição da palavra ‘gostava’ que dá sonoridade ao mesmo tempo em que enfatiza o gosto de Ponciá, vemos também as aliteraões em sequência, que transforma o texto em cantiga como as parlendas. Ela mesma diz que esses são os efeitos de sua criação, pois ela foi rodeada pelas palavras, cresceu ouvindo narrativas de sua mãe e tios. Fica claro mais uma das características de seus ancestrais embutida no fazer literário, pois faz parte da cultura africana, as contações de histórias, as quais são passadas de pai para filho toda existência de seu povo. Assim, a voz autoral de Conceição Evaristo é de uma subjetividade e etnicidade pouco vista na literatura brasileira que reveste-se de particular importância a leitura e discussão de suas obras no meio acadêmico.

2 CONHECENDO A OBRA

O romance *Ponciá Vicêncio* narra a trajetória de vida da protagonista de mesmo nome, uma mulher negra descendente de escravos, no período pós-abolição. A história é narrada em terceira pessoa, o que proporciona ao leitor uma visão profunda dos acontecimentos, uma vez que o narrador traz aos leitores, não apenas as ações dos personagens, mas também seus pensamentos e sentimentos. A obra narra a vida de Ponciá desde menina até a vida adulta, com enfoque em seus anseios e sua busca por identidade, pois Ponciá não se reconhecia em seu próprio nome.

O enredo tem sequência não-linear, porquanto a história é construída em flashbacks e ao mesmo tempo é construída no discurso indireto livre. A protagonista nasceu na Vila Vicêncio, terra de ex escravos e vivia nessa vila com a mãe, Maria Vicêncio, o pai e o irmão Luandi. O pai e o irmão passavam pouco tempo em casa, pois trabalham em processo de semiescavidão na terra dos brancos. Enquanto eles lavravam a terra dos antigos senhores, Ponciá e sua mãe ficavam em casa, trabalhando o barro para ajudar na renda familiar. Porém, o trabalho com o barro, era mais que uma obrigação, a arte de ceramista estava no sangue, era uma herança de ancestrais, elas tinham prazer em dar formas e utilidades ao barro.

Vô Vicêncio era ex escravo, marcado pela atrocidade da escravidão. Um dia, num rompante de loucura e dor, mata a esposa e se autoflagela decepando uma das mãos, a partir desse momento vive entre risos e prantos, alheio a toda dor que lhe cercava, até seu ‘adormecer’. Mesmo Ponciá Vicêncio sendo tão pequena quando seu avô morreu, lembra dele e não só carregava a lembrança dele, como também parecia com ele até no jeito de andar. Ponciá perde o pai e decide sair da comunidade para tentar a sorte na cidade grande, essa decisão deixa a mãe desolada. Logo depois, parte o irmão Luandi vai em busca da irmã e de condições melhores para ele e a família.

Ponciá, não encontra as oportunidades que tanto esperava. Trabalha duro por anos a fio, até poder comprar um barraco na favela. Com essa conquista, volta para a Vila Vicêncio em busca da mãe e irmão. Porém ela não os encontra, pois, a mãe saiu de vila em vila, a procura dos filhos. Voltando à cidade, Ponciá vai morar com um rapaz que havia conhecido, mas sua vida é marcada por muitas perdas. Ela engravida sete vezes e sete vezes perde seus filhos, essa sucessão de perdas juntamente com a saudade de seus entes queridos e do barro, a leva ao isolamento em si mesma. Luandi, na cidade, é acolhido pelo soldado Nestor, vai trabalhar como faxineiro na delegacia. Luandi sonha em um dia ser soldado, por isso aprende a ler e a escrever. Luandi volta a Vila Vicêncio para buscar a mãe, entretanto ele se depara com o mesmo vazio que sua irmã achou. Toma o trem de volta para cidade e conhece a prostituta Biliza, por quem se apaixona. Eles fazem planos de se casarem, mas o negro Climério, cafetão de Biliza, a mata esfaqueada. Luandi encontra a mãe. Enquanto isso, Ponciá está cada vez mais isolada em seu recordar, e a saudade dos seus e do barro a faz sair em delírio até a estação de trem onde os três se reencontram e juntos voltam à Vila Vicêncio.

3 ANCESTRALIDADE: A HERANÇA BANTU

Segundo Nei Lopes (2014) Bantu é um tronco linguístico originário da África subsaariana, do qual surgiram entorno de 400 línguas e dialetos etnolinguísticos e vários subgrupos étnicos diferentes. O termo português *banto* quer dizer grande grupo de línguas da África central. A palavra Bantu não engloba apenas um conjunto de línguas, mas também toda a cultura de um povo africano. Como bem nos assegura Sebastião J. Formosinho; J. Oliveira Branco (2013), Bantu é uma cultura que possui grande ligação com a terra e sua religião é pautada nessa ligação com os seres naturais e espirituais e também possui a filosofia de um conjunto comunitário. Para Dionísio (2013, p. 52) “Bantu facilita expressar a cultura afro aqui no Brasil ou na própria África, com sua

língua, religião e cultura”. Yeda Pessoa de Castro, em entrevista ao jornal Angola Xyami apud Dionísio, (2013, p. 52), diz que:

São marcas lexicais portadoras de elementos culturais compartilhados por toda a sociedade brasileira e que comprovam a participação histórica do falante banto na construção do português brasileiro e a força da sua influência sobre a identidade brasileira, uma vez que a língua natural de um povo substancia o espaço da identidade como instrumento de circulação de ideias e de informação.

Evidentemente o Bantu pode ser utilizado para entender melhor a cultura afro, pois é uma filosofia de vida que serve para guiar os componentes no modo de viver. Por exemplo, o Bantu rege as relações comunitárias de seus integrantes e a relação deles com a natureza e como essas pessoas veem os seres divinos. Nesse contexto, Dionísio (2013, p. 58-59) observa que:

Nas culturas modernas africanas, a narrativa oral foi incorporada à literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos comprometidos com a luta de libertação das colônias. Serviu como palavra conscientizadora para o povo, foi arma e estratégia de luta. No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos afrodescendentes, uma narrativa que rememora África, denunciando a condição de vida dos afrodescendentes, e que, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade.

Dessa forma, Bantu permite manter viva a cultura africana do Centro da África e aqui no Brasil. Logo, é importante compreender que Bantu não é apenas uma língua e sim todo um modo de vida nela enraizada. Nesse sentido, vamos exemplificar Bantu como uma maneira singular de ver a vida e a morte. Dessa forma, vemos em Ponciá, muitos aspectos Bantu, a exemplo da ligação das personagens, especialmente as femininas, com o barro. Ponciá e a mãe trabalham com o barro, criam formas com ele como se dessem vida a ele. Esse aspecto nos conduz à observação da própria mulher enquanto mãe, e a ligação dela com a terra mãe, numa fusão de naturezas que representam o feminino. Do mesmo modo, o barro (terra) também representa a terra África de onde vieram e para onde poderiam voltar, mas na impossibilidade dessa volta, podem representar essa africanidade nos modos de vida, nas produções, nas crenças entre outros aspectos.

Segundo o livro *Cultura Bantu Ngola 1* (2018), pode-se dizer que os negros bantos vieram para o Brasil entre os anos 1680 a 1830, foram trazidos para o porto do Rio de Janeiro em mais 1.500 navios negreiros, acredita-se que foram mais de 700.000 negros bantos tirados a força da África central, dos países de Moçambique, Zâmbia, Angola etc. Neste contexto, fica claro que o maior grupo de negros escravizados foram os bantos. O mais preocupante, contudo, é constatar que grande parte de sua cultura se perdeu nesse processo de escravidão. Embora tenha chegado essa grande quantidade de negros aqui, muitos morreram na travessia do mar, pelas condições sub-humanas a que eram obrigados, em todo esse processo. Estima-se que milhares, quiçá milhões de

negros morreram e foram jogados ao mar. Assim, preocupa o fato de que se saiba tão pouco do maior grupo etnolinguístico e cultural africano chegado no Brasil.

Segundo C. B (2018), por razão da grande capacidade de organização, pensamento coletivo e por serem muito arredios, os negros bantos foram separados das suas tribos e divididos entre as fazendas, para que não pudessem se organizar para uma possível tentativa de rebelião ou fuga. Ainda segundo o autor do livro acima citado, os senhores agiam dessa forma pois, a melhor maneira de dominar é tirando tudo que o outro conhece e substituir por sua "verdade", roubar as memórias e colocar as suas no lugar. Fazendo com que os escravizados achem que não têm nada e nem ninguém para onde e para quem voltar. Segundo Formosinho (2013, p.225) "a pessoa, na cultura bantu sempre se afirmar a partir da comunidade: pertenço logo sou. Daí o grande princípio bantu: eu sou porque vós sois, e porque vós sois eu sou".

Por ensejo desse pensamento comunitário e de sua filosofia de vida, é que os negros bantos representavam tanto perigo para os senhores. A cultura bantu é grande defensora da vida e tem uma ligação espiritual com a terra e a natureza no geral. O povo bantu vê todos os integrantes como uma única unidade, uma grande família, vivem de maneira plena, pois a morte para eles é apenas uma passagem para uma outra vida. Notamos no trecho a seguir, de *Ponciá Vicêncio*, a influência bantu na escrita de Evaristo: “Nêngua Kainda adormecera. Um sol quente batia em sua pele negra enrugada pelas dobras dos séculos. Em silêncio, ela adentrava um sono tão profundo do qual só acordaria quando tivesse ultrapassado os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se presentificasse ainda mais velha e mais sábia, em um outro lugar qualquer”. (EV. 2017, p. 99).

A cultura bantu também influenciou a cultura brasileira, se mesclando de forma forte na música, na religião, na mitologia e na dança como mostra a autora: “Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá da África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar”. (EV, 2017, p.75)

Para C.B (2018) a cultura bantu sobreviveu até a perseguição da igreja católica que, através do ministro Rui Barbosa, mandou queimar todo acervo histórico dessa cultura no Brasil. Mesmo em

meio a tantas diversidades, a cultura bantu teve grande contribuição na construção de uma outra cultura, a cultura afro-brasileira:

Colaboraram em grande parte com o ritual folclórico brasileiro, como o congo de ouro, a congada (que lembra a rainha Ginga de Angola), o maculelê, a capoeira, o maracatu, o samba, e ainda artes manuais dos hábeis Bantús. Grande parte da cultura Bantú e seu acervo foi destruída quando o ministro Rui Barbosa queimou as obras dos arquivos que falavam dos Bantús, obras escritas pelos Apelegís (sacerdotes) da cultura Bantú, discriminando a raça, que ainda nos dias atuais é criticada pelos herdeiros de outras nações de candomblé, esquecendo-se que a cultura Bantú é a portadora dos grandes segredos da força da natureza: é a cultura Bantú a dona dos segredos das *KISABA ZAMBIRI* (Folhas sagradas). (C.B, 2018, p.255-256).

Sendo assim, percebemos a importância da cultura bantu na construção étnico-racial dos negros aqui no Brasil. Podemos perceber, conforme citado acima, que esse quadro remete ao quanto o povo brasileiro é mestiço e que somos mais africanos do que os preconceitos de muitos querem aceitar.

3.1 Representação Bantu em Ponciá Vicêncio

A escrita de Conceição Evaristo está impregnada de etnicidade, pois ela invoca, em toda a narrativa, os costumes, a língua, as crenças do povo negro. Neste contexto, fica claro que o seu fazer literário parte de um lugar específico de fala. Fica evidente também na narrativa analisada, que a escritora coloca os elementos característicos de uma escrita afrobrasileira. Evaristo coloca em seu romance, o negro como personagem principal e permeia toda a evolução de sua história ao redor desse negro, mostrando como ele vive, seus anseios, suas lutas, suas derrotas e principalmente como eles se relacionam com os seus e com os outros. Segundo Evaristo (2010, p.5) "Quando falamos de sujeito na literatura negra, não estamos falando de um sujeito particular, de um sujeito construído segundo uma visão romântico-burguesa, mas de um sujeito que está abraçado ao coletivo". Nesse caso a presença Bantu é presente no romance:

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto, que até esquecia da janta e quando via o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (EV, 2017, p.18)

Podemos observar dois aspectos na fala acima, pode-se ver que o esquecimento do futuro era a falta de perspectiva para o amanhã, uma desesperança que só evolui ao longo da narrativa, a ponto de a personagem enlouquecer. Por outro lado, a cultura Bantu, mostra o viver um dia de cada vez, a incerteza de um amanhã faz com que esqueçamos, até certo ponto, o futuro. O passado é vida, é história, é a concretude, já o futuro é a incerteza, é o provável e por isso não é tão valorizado.

Dessa forma, percebe-se que o valor à cultura, à história de um povo é uma forma de mantê-lo vivo, pois o futuro pode representar até a perda dessa memória e assim, a negação desse povo, daí a importância de cultivar o passado.

Toda a narrativa é transpassada pelo arauto que é represento na personagem Nêngua Kainda, ela é, na terra dos negros, como uma adivinha e curandeira que em bantu se diz (kimbanda), pois nessa comunidade ela possuía essas duas funções, via o futuro e dominava a arte de infusões medicinais e rezava para todos os males. "Nêngua Kainda, aquela que tudo sabia, mesmo se não lhe dissessem nada" (EV, 2017, p. 108). Vemos aí, a resistência, mesmo que sofrida - sofrimento representado pelas condições físicas da personagem – da cultura Bantu, numa tentativa de Evaristo de asseverar uma identidade que foi machucada, mas não totalmente destruída. Nêngua Kainda, na obra, representa um elo que liga todos os personagens do romance: “Tinha o olhar vivo, enxergador de tudo. A velha pousou a mão sobre a cabeça de Ponciá Vicêncio dizendo-lhe, que, embora ela não tivesse encontrado a mãe e nem o irmão, ela não estava sozinha”. (p.52) Em outro momento: “Nêngua Kainda falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá também”. (EV, 2017, p.81)

Nêngua Kainda tem um papel importante em todo drama, trata-se de um personagem chave, pois representa a sabedoria dos mais antigos, falava uma língua que só os mais velhos falavam, entendia os rituais realizados pelo seu povo desde antes da escravidão, seria um erro, porém, atribuir a ela alguma divindade, pois trata-se apenas uma mulher dotada de saber ancestral e responsável para passar para os mais novos a cultura de seu povo e seus conhecimentos. Assim, reveste-se de particular importância a presença dessa figura ou outra com características semelhantes na literatura afrodescendente. Segundo Nei Lopes (2007) (*A Grande Mãe d'Água*, em quicongo), pois, ela assume vários papéis importantes dentro de sua comunidade. O angarô (nkiss) é outro elemento bantu que se faz presente no romance de Evaristo e tem fundamental importância para a construção da personagem principal.

Quanto ao arco-íris em *Ponciá*, os ancestrais vivem nas profundezas das águas, e o angarô segundo a mitologia bantu seria uma cobra colorida que vai beber água no céu: "lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo

e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio". Evaristo (2017, p.111)

Explica-se assim a relação forte que Ponciá tinha com o rio. Segundo também a crença bantu a menina que passasse por baixo do angarô (arco-íris) se transformaria em menino, essa crença bantu também ficou enraizada em nossa cultura brasileira, pois quem quando menina não ouvia de sua vó a mesma coisa? Ponciá quando menina morria de medo de medo de virar menino. Essa crença era tão forte na vida dela e que mesmo adulta, tinha dificuldade de se desfazer delas: "Um arco-íris bonito, inteiro, bipartia a morada das águas suspensas. Passou a mão pela testa como se quisesse apagar tudo que estivesse pensando. Um receio antigo revisitou-a e insistiu em seu corpo. Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. (EV. 2017, p.14)

Ponciá passou por várias perdas ao longo da história, como os abortos espontâneos de 7 filhos. Em outras culturas o número sete tem uma significação muito grande no bantu "As perdas dos sete filhos podem ter sido proporcionadas pela — força que existe no nkixi foi retirada da água, por meio da argila, por um antepassado". (MARTINS, 1958, p. 68 apud DIONISÍO, 2013, p. 76)

Segundo o livro C.B (2018) acredita-se que o número 7 é o número da purificação, do equilíbrio espiritual. Conforme explicado acima, nada na vida de Ponciá foi por acaso, mesmo em meio ao vazio de seus braços, ela percebeu que a vida que tinha para ofertar aos seus filhos, não era boa. Fica claro por exemplo quando ela diz "bom mesmo que os filhos tivessem nascidos mortos, pois, assim se livraram de viver uma mesma vida". (EV, 2017, p.71).

De acordo com C.B (2018, p. 20): A trindade superior representada simbolicamente pelo número 3 (mãe, filho e filha) e o quaternário elemental pelo número 4 (fogo, ar, água, terra). A adição do número 3 (trindade superior) ao número 4 (elementais) dará a soma do número 7, que simboliza o ser humano divinizado, característica própria dos iniciados. Assim, "ele representa o ser humano com todas as suas possibilidades de evolução. O iniciado pode e deve persistir para que nele se desenvolvam os sete centros magnéticos (chakras, falado esotericamente), chamados BOTHÉ pelo povo angolano, que lhe permitirão todo um desenvolvimento espiritual, acumulando as energias dos Jinkisi". (C.B, 2018, p.20).

A primeira perda marcante foi a morte de seu Vô Vicêncio, pois mesmo que tenha ocorrido quando Ponciá ainda era pequena, esse fato permeou toda a sua vida. Depois veio a morte do pai, em seguida a saída dela do povoado, quando se separa não só da terra natal, como também de sua família. E posteriormente a morte consecutiva dos sete filhos. No entanto, a morte para o povo bantu, não quer dizer final de uma existência e sim o início de uma outra:

Se para o congolês o poder dos antepassados manifesta-se na vida material e, também, na espiritual, significa que os mortos estão entre os vivos continuando a fazer parte ativa do clã, continuam em perfeita harmonia com os seus descendentes, interferem nos atos dos vivos, causam-lhe doenças, ou os curam, enfim, diminuem ou reforçam a sua força vital, lhes proporcionam coisas boas ou ruins, lhes provocam sonhos agradáveis ou pesadelos. (DIONISIO, 2013, p. 74)

Fica evidente, diante desse quadro que a autora coloca como pano de fundo da narrativa, a cultura bantu, que serve como teia condutora do enredo e rege a vida dos personagens. Evaristo apresenta ainda outros elos de sua etnicidade, ancestralidade e de sua escrevivência no romance. Podemos encontrar alguns fatos que se assemelham à realidade e a maneira de ver a vida nos entremeios de suas obras, nas quais a ficção e a realidade se emaranham:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2010, p. 173-174 apud PONCE e GODOY, 2014, p. 167).

Percorreremos também, a ligação que há entre Ponciá e o barro, um dos mais fortes elos entre a personagem e sua ancestralidade.

Para o povo bantu, o barro tem uma ligação direta com os mortos, porquanto ficam nas profundezas dos rios, local onde a crença bantu acredita que vive os espíritos. Sendo presentes os antepassados na comunidade e tendo ascendência sobre os seus descendentes, uma representação muito comum no Congo seria a estatutária. Se as mesmas são confeccionadas de argila que é o elemento primordial e é —extraída do leito de um rio ou do fundo de uma lagoa ou pântano que, [...] são a residência dos espíritos dos mortos. (MARTINS, 1958, P. 68 apud DIONÍSIO, 2013, p. 75).

Ponciá tem com o barro uma ligação de ancestralidade, pois desde os primórdios, antes da escravidão, quando seu povo ainda vivia livre em seu país natal, eles já dominavam a arte de trabalhar o barro dando-lhe formas e utilidade. E ela sentia essa união desde muito cedo como se nascesse sabendo a arte: “Já bem pequena, ela entendia o barro e ia ao rio buscar a massa. Sabia qual era a melhor, qual a mais macia, a mais obediente. Reconhecia aquela que aceitava de bom grado o comando das mãos, traduzindo em forma e desejos de quem cria. Ela conhecia de olhos fechados a matéria do rio” (EV, 2017, p. 66). Essa arte também era passada de mãe para filha, sendo assim, o barro também ligava Ponciá Vicêncio a sua mãe, com a qual aprendera a arte. Ela

e a mãe ficavam em casa construindo seu mundo em pequenas miniaturas de barro, que serviam como utensílios do lar, como também de fonte de renda para a família.

Quanto mais tempo Ponciá ficava longe do barro mais ela ficava longe da realidade, parecia que sua arte fosse uma Válvula de escape, na qual ela se refugiava para suportar seus infortúnios. Nesse caso, o barro funciona também como um alento, como algo que ajudasse a suportar a vida que não aguentava viver. O barro, além de vincular Ponciá a sua ancestralidade, ele também serve como elo entre Ponciá e a família. Quando Ponciá retornar à Vila e à casa de pau-a-pique, na qual tudo dentro dela era feito de barro, desde o chão de barro batido e escorregadio, aos utensílios. Cada cantinho a fazia lembrar dos entes queridos, a presença deles, dos vivos e dos mortos era tão forte que suas narinas sentiu o cheiro do café feito pela mãe, das broas de fubá. Ouvia os pais conversando no quartinho, ouvia os risos e o choro do avô. E o irmão, Luandi, ao visitar estando em uma mostra de artesanato, no lugar onde estava morando, fica parado e perplexo diante das obras feitas pela mãe e irmã, tocando em cada peça como se estivesse a tocá-las, nesse momento sentiu que um dia haveria de reencontrá-las.

Percebe-se a continuidade de uma cultura ancestral, e a perspectiva Bantu de ver a relação de herança ancestral. É interessante também observar que Ponciá já chorava no ventre da mãe, como se soubesse o que a vida lhe reserva de sofrimento a ser vivido. Outro fato importante a ser analisado é que logo após a morte de seu avô Ponciá se pôs de pé e começou a andar igual ao avô, como se realmente um fosse a continuação do outro e depois enlouquece, perde a razão, assim como ele, ou melhor, deixa de viver no mundo do sofrimento para viver em um outro para onde se refugiou.

Toda a obra é permeada por crenças, superstições e divindades do povo negro Bantu, uma delas é que Ponciá ainda menina viu no Milharal ao lado de sua casa uma mulher muito alta, magra, figura que amedrontava as crianças negras. A sociedade tinha um arauto, que no romance era a negra Nêngua Kainda, essa figura é muito importante para a comunidade, pois além dela representa a sabedoria do povo e ser responsável e transmitir a cultura para os mais novos, é também a curandeira, responsável para rezar por todos os males, como também fazer as infusões medicinais.

4 IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DO EU FEMININO NEGRO

Stuart Hall (2006) apresenta três concepções de identidade: o sujeito do iluminismo, que é um sujeito centrado e unificado; o sujeito social, que nasce da relação do eu com a sociedade e o sujeito pós-moderno que é o sujeito fragmentado, composto de vários eus e que sofre influência do meio para construção temporária de um eu que vive em constantes mudanças. Como bem nos assegura Bhabha (1998), identidade cultural nunca é algo pré-estabelecido e sim uma construção de imagem que é assumido pelo sujeito que se transforma ao assumir essa imagem. Por outro lado, para Castells (1999, p. 23) identidade cultural serve para a construção de significado e experiência de um povo:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religiosos. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. (CASTELLS. 1999, p. 23).

Como se pode verificar, identidade cultural faz parte da literatura e da sociologia. Evidentemente pode ser utilizada para identificar indivíduos que compartilham de uma mesma maneira de pensar, que compactuam a mesma crença, cultura e etc... Serve também como afirmação de pertencimento de um indivíduo a um determinado grupo social. Cita-se, como exemplo, Ponciá que se identifica como mulher negra que compartilha a cultura Bantu juntamente com todos de sua família e do povo da vila, partilham experiências, histórias, crenças e mitos que lhes foram passados por muitos séculos de geração a geração. Se para Castells (1999, p. 24) existe uma forma de resistência e o romance *Ponciá Vicêncio* teria essa identidade uma vez que:

Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade. (CASTELLS, 1999, p.24).

Nesse sentido, identidade cultural permite que atores sociais se sintam pertencentes a um determinado grupo, no qual compartilham de um mesmo modo de vida. Logo, é importante compreender a identidade cultural não é mais vista como outrora, pois o sujeito moderno tem uma natureza fragmentada que a todo momento está em transformação. Nesse sentido, vamos exemplificar identidade cultural como um elo entre o sujeito e a estrutura. Ponciá Vicêncio sai de sua aldeia em um processo de diáspora como seus antepassados. A partir daí ela passa a uma eterna busca de si mesma, de sua identidade, que na verdade ela nunca teve, porque lhe foi tirada.

Ponciá era vazia até de nome, desde pequena não se reconhecia no seu nome. A beira do rio chamava por si mesma, para ver se sentia chamada e se podia ver-se em seu nome. A angustia desse vazio interior lhe perseguiu por toda vida adulta. Seu vazio era tão grande que ela dizia que podia ser chamada de “nada”. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em tempos outros, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram:

Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o próprio nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. (EV. 2017, p. 18)

Ponciá carregava a marca do antigo senhor de seus avós, não tinha em sua pele a ferradura do senhor de escravos, porém carregava no nome a marca da escravidão dos seus ancestrais. É exatamente o caso de apagamento do eu, através do apagamento de identidade, Ponciá também se chamava Vicêncio como o antigo senhor. Por todas essas razões, vemos na obra de Conceição Evaristo, a marca da luta em busca da afirmação da identidade negra.

É notório que isso mostra quanto era intenso o poderio do branco sobre o negro pós-abolição e até na contemporaneidade. A colonização foi tão devastadora, que a intenção era apagar todas as relações que povo negro tinha com sua terra, com sua cultura, que até um nome lhe era negado a muitos e quando era dado, levava o nome que não lhe deixava esquecer sua condição de escravizado. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo antes do avô de seu avô:

[...] O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela. Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EV,2017, p.26-27)

Como podemos observar, a vida da protagonista foi marcada por essa busca constante por identidade, assim como os seus ancestrais trazidos a força para uma vida de escravidão, para um lugar que não conheciam e nem queriam estar, privados da liberdade, privados da dignidade, privados até de um sonhar. Sonhar em voltar para sua terra, sonhar em ter uma vida de verdade, sonhar em ter uma identidade como bem afirma Hall:

Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse “conhecimento”, não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a con-formação subjetiva à norma. [...] A expropriação íntima da identidade cultural deforma e leva à invalidez. [...] Na história do mundo

moderno, há poucas experiências mais traumáticas do que essas separações forçadas da África [...]. Os escravos [...] eram de diferentes países, comunidades tribais, aldeias, tinham diferentes línguas e deuses. (HALL, 1996, p. 70)

Na escravidão, deixaram de ser gente e foram vistos como seres sem alma, em um processo de animalização. Durante o período colonial, os colonos criaram para os negros, uma identidade, uma que não lhe pertencia, na qual tudo ligados a eles eram feio, impuro, selvagem e ruim. E até hoje na construção da identidade negra há uma guerra para quebrar esses estereótipos, tentando assim apagar uma identidade imposta pelo poder europeu, e se autorrepresentar como indivíduos pensantes, belos, com defeitos, porém também com qualidades, como qualquer ser humano, que tenha direitos e com voz que se faça ouvir.

É interessante observar que o conceito de identidade vem passando por mudanças ao longo dos tempos, mas há um fato que se sobrepõe a essas mudanças que é como o sujeito moderno se vê como um sujeito fragmentado nos dias atuais. Ponciá é representada no romance de Conceição Evaristo como sendo esse sujeito moderno fragmentado que tenta se encontrar ao longo da trama. Nesse sentido, segundo Hall (2003, p.346), “não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade e de classe”.

Esse sujeito pós-moderno sofre várias influências externas, principalmente nesse processo de globalização em que vivemos, uma vez que o sujeito não é mais visto como unificado e sem mudanças ao longo da sua vida, como os sociólogos acreditavam antes. O sujeito de hoje, vai incorporando ao longo da vida, experiências que o torna um ser múltiplo e único ao mesmo tempo. Segundo Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertantes e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Ponciá sai de seu vilarejo para cidade em busca de novas oportunidades e de uma vida melhor para ela e para os seus. Essa transladação relembra a diáspora africana dos seus. “[...] conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. (HALL, 2006, p. 33). Essa busca por dias melhores de Ponciá nos remete ao movimento diásporo do povo africano chegado aqui no Brasil forçados

pelos senhores escravocratas e que mesmo depois da abolição da escravatura, repele os negros agora em busca de inclusão e construção de uma vida melhor.

É importante ressaltar, que Ponciá como a grande maioria dos negros, não encontrou em sua mudança a tão sonhada oportunidade esperada. Deparou-se com mais miséria e preconceito, as chances de emprego era a mesma que lá na roça, sempre em posição de subalternidade, além disso, tinha que lidar com a separação dos seus. A protagonista, foi recepcionada com a dura realidade, que o estigma de sua cor iria lhe seguir para onde ela fosse e que nada adiantava o fato de ser negra letrada, pois continuava sendo negra era para ser doméstica.

Ponciá passou sua primeira noite na calçada da igreja, dividindo a dormida com mais negros que se depararam com a mesma sorte que ela, nesse sentido, Ponciá fez diferente daqueles que, entreguem a situação, não reagiram e se entregaram a desventura. Essa versão não é a única pela qual cabe dizer que Ponciá era uma guerreira e que não se entregava fácil. Mesmo em meio a diversidade e sendo tão carente, sua alteridade, sua sensibilidade que é uma das características de seu povo bantu, falava sempre mais alto, pegou o pouco que tinha e dividiu com aqueles que julgou ter menos ainda. “Os velhos se encostavam por ali mesmo e estendiam os chapéus ou as latinhas[...] condoída com a sorte deles, Ponciá catou suas últimas moedas e ofereceu algumas.” (EV, 2017, p. 37). Vemos que a qualidade subversiva de Ponciá, representa a condição da própria autora, escritora numa sociedade literária de brancos. Letrada numa sociedade de negros analfabetos e professora numa sociedade em que o privilégio é dos brancos.

Nessa parte do romance Conceição Evaristo, trabalhou de forma sinuosa outra questão muito debatida na escrita negra, que é a opressão social, as relações de classes sociais e mais precisamente a relação da igreja com os pobres. A autora faz uma crítica velada a igreja, pois, ela devia ser a primeira a cuidar dos oprimidos, porém se fazia de cega a situação de miserabilidade dos muitos que dormia todas as noites em sua calçada, passando frio e fome. “Viu o sacristão fechar a porta. O moço também a viu abraçada a trouxa de seus poucos pertences. Quis pedir alguma informação, perguntar pelo padre e pedir a caridade de algum alimento e de um gole d’água, mas não teve coragem”. (EV, 2017, p. 35). No entanto, Ponciá se manteve viva em seu peito a esperança de dias melhores, que iria comprar uma casinha e trazer sua mãe e seu irmão para morar com ela. A autora representa Ponciá, com a esperança e o espírito guerreiro de seu povo africano, colocando assim na protagonista mais características dos seus ancestrais. Só que

Ponciá não contava que iria demorar tanto para conseguir tão pouco. Depois de muitos esforços e de trabalhar em regime de semiescravidão na casa dos brancos, conseguiu comprar um barraco na favela, lugar predestinados aos negros da cidade. A cana, o café, a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento e da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para cidade, com a vida a se fartar na miséria, e com o coração a sobrar esperanças. “Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis o que deu. Um barraco no morro. Um ir-e-vir das casas das patroas. Umas sobras de roupa e alimento para compensar um salário que não bastava”. (EV. 2017, p. 70)

Evaristo trata da desigualdade social, que é a principal herança que tantos séculos de escravidão deixou. Mesmo nos dias atuais mais de 80% da população da favela é negra, a maior parte das empregadas domesticas são mulheres negras e mais de 85% da população brasileira carcerária é negra. Tudo isso são resquícios de uma colonização desumana que, diante da abolição da escravatura, lançou os negros ao léu, sem nenhuma reparação e muito menos com condição de construir uma vida mais digna. Sendo os ex escravos relegados as periferias da vida, e muita das vezes diante da falta de oportunidades e do desespero, muitos se entregaram a marginalidade. Com o fim da escravidão muitos recém-libertos partem para as cidades em busca de um tão sonhado desejo de liberdade. Atraídos por anúncios de novos tempos, de novas e melhores possibilidades de emprego, os agora libertos se deparam com a barreira da discriminação. “Mais uma vez são excluídos do discurso oficial de progresso, sendo relegados aos morros, guetos, becos e favelas. A história parece se repetir mais uma vez, sem fim”. (MARINGOLO. 2014, p. 107)

Ponciá lutou a todo momento contra essa repetição de sina, a que os seus estavam destinados, lutou tanto que em meio a toda essa luta em busca de uma vida melhor, a luta para superar a perda dos seus, a luta contra a realidade que teimava em assombra-la, e a luta contra as diversas perdas consecutivas, ela ia se perdendo cada vez mais em si, e a herança de Vô Vicêncio se fazia presente cada dia mais forte:

De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO. 2017, p.71-72).

Como podemos observar, Ponciá critica a falsa liberdade que os negros viviam e infelizmente muitos ainda vivem. A protagonista relata que ao menos na escravidão, os negros sabiam de sua

real situação e rebelavam-se contra ela, formando frentes de batalhas e construindo quilombos. Esse ideal quilombola que ela fala, é o ideal de vida, é a esperança de dias melhores. Já o que ela vive, é uma falsa liberdade que ela não sabe como suportar.

A mulher negra sofre tripla opressão, sofre opressão do homem negro, do homem branco e da mulher branca. Nossa personagem principal, sofreu essas opressões, porém a que mais a marcou foi a opressão do homem negro, que deveria ser seu igual e compartilhar com ela sua história de vida. Evaristo coloca como marido de Ponciá um homem violento, que no primeiro momento o leitor cria uma certa repulsa dele, em solidariedade a protagonista. Todavia, no decorrer da narrativa, observamos que esse personagem é apenas mais uma vítima do sistema opressor, racista e desigual em que vivemos. Sua atitude violenta, é a reação de defesa a todas essas opressões sociais que esse personagem masculino sofre. Desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto, a ponto de fazer sangrar lhe a boca, depois condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele a agrediu e se tornou carinhoso com ela.

Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas também o dele. Descobriu o quanto eram sós. Percebeu que cada um tinha os seus mistérios. [...] Desde então, ao perceber a solidão da mulher e a sua própria, o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma imensa ternura por ela. (EVARISTO, 2017, p. 93).

Evaristo, nesse contexto, coloca o leitor a refletir sobre a condição da mulher de uma forma geral e a violência doméstica, uma vez que o casal deveria ser composto de seres iguais e não de uma autoridade e um submisso. Contudo, toda essa violência sofrida por Ponciá deixa ela mais voltada para dentro de si, perdida em seu pensar, ela preferia esquecer que tudo que sonhou era apenas ilusão e para menos sofrer, perdia-se mais e mais em seu recordar: “Ponciá gastava a vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver” (EV, 2017, p. 79).

Outro fator importante para a construção do “eu” de Ponciá Vicência, é a maternidade. Ponciá foi uma moça como a maioria delas que sonhava em um dia casar e ter filhos. Ela testemunhando ao relacionamento de sua mãe com seu pai, pensava em um dia ter um relacionamento igual, sonhava em ter um homem que fizesse o que ela mandasse e que fossem felizes, com a casa rodeada de filhos. Esse sonho foi mais uma das frustrações na vida de Ponciá. Entretanto, a perda dos filhos foi uma das perdas mais difíceis para ela, como mulher, superar, “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio” (EV.2017, p.24).

Ponciá buscava conforto ao pensar que os filhos não teriam uma vida muito melhor, que a que ela teve. Mostrando assim o estigma da escravidão, que alcança muitas gerações depois de seu suposto fim. Quando os filhos de Ponciá Vicêncio nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição da mesma vida para os seus filhos”. (EVARISTO, 2017, p. 70)

Ponciá durante a separação da família, carregou na memória também o barro. O barro e Ponciá tinha um elo que só sua ligação com sua ancestralidade poderia explicar, o manuseio com o barro era como estar de volta a África, era como estar de volta com os seus, era como voltar para casa. O trabalho com o barro é uma arte milenar que veio da África no processo diásporo trazido pelo seu povo. Então o barro representa também essa ligação que o povo negro tem com sua terra e seus ancestrais. A autora exhibe esse artifício e corrobora ainda mais com a tese que ela coloca em seus textos toda sua etnicidade e exaltação da cultura Bantu nesta obra.

4.1 Lugar de fala: Voz feminina e negra em Ponciá

Esclarecemos que o lugar de fala referido não é simples enunciar de palavras, mas discussão a partir de um lugar social (locus social), uma voz no sentido de existência, no sentido de discutir de forma intrínseca e complexa as representações de lugar no poder. Ribeiro diz que “não estamos falando de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, 2017, p. 61) Do mesmo modo, nessa análise, pretende-se colocar lugar de fala como lugar que a mulher negra ocupa na sociedade e as dificuldades que esse lugar impõe para ser ouvida e quais as chances que elas têm para transcender esse lugar que lhe foi imposto por uma sociedade desigual, falocêntrica, patriarcal e branca. Trata-se de considerarmos as relações dos grupos sociais no poder, levando em consideração o gênero, raça e classe na construção dessa fala. Ribeiro (2017) diz para não confundirmos lugar de fala com representatividade, pois uma pessoa branca pode falar de racismo e o impacto que esse preconceito tem sobre as classes subalternizadas e silenciadas.

Todas as pessoas possuem lugares de fala, uma vez que a discussão é sobre localização social e o mais importante é que “indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus

social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares dos grupos subalternizados” (RIBEIRO. 2017, p. 86)

Sendo assim, quando nos referimos a fala é pensando em um lugar social, e não estamos nos referindo nas experiências individuais, mas como esses indivíduos sociais participantes de determinados grupos sociais compartilham essas experiências e como essas experiências permeiam essa dominação que impede que essa voz alcance determinados lugar de poder.

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organizações políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: “quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras e professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas?” (RIBEIRO,2017, p.63)

Levando em consideração a citação acima e tudo o que foi debatido, notamos a grande importância de debates feitos em relação a obra literária de escrita negra, como maneira de visibilizar essa voz social que há muito foi silenciada e que aos poucos se alça no meio literário. A própria Evaristo discute tal importância. Apropria-se da sua história e de sua cultura, e a reescreve segundo a sua vivência, numa linguagem que possa ser libertadora, é o grande desafio para o escritor afro-brasileiro. “Ele escreve, se comunica através de um sistema linguístico que veio aprisioná-lo também, enquanto código representativo de uma realização linguística da cultura hegemônica”. (EVARISTO apud MARINGOLO, 2014, p. 15)

Segundo Ligia Chiappini (2002, p. 89) “Todorov e Ducrot, no seu Dicionário..., o indireto livre comporta as marcas de tempo e pessoa do discurso indireto (do autor), mas tem sua estrutura semântica e sintática penetrada das propriedades do discurso direto (da personagem)”. O uso desse tipo de discurso é perfeito para um enredo memorialístico, uma vez que a obra é contada através da memória dos personagens principalmente no caso a da protagonista Ponciá.

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço toda da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 09 apud MARINGOLO 2014, p. 66)

A narrativa não segue uma ordem linear, ela começa com Ponciá já adulta lembrando dos seus tempos de menina lá na vila Vicêncio, na zona rural. Toda história é contada em um vai-e-vem de acontecimentos não cronológicos, mas interligados por fatos marcantes da vida de Ponciá e sua família. O enredo mescla o passado e o presente, convivendo lado a lado. O passado e presente formam o eu de Ponciá. A memória não linear é a estrada que conduz toda trama de Evaristo “a memória surge como elo das personagens com o seu passado e como meio de resgate e reafirmação identitários”. (PONCE e GODOY, 2016, p.22).

Maringolo traz uma citação de Bezerra que esclarece a importância da memória na criação literária contemporânea como resgate de uma memória coletiva de um povo:

Esse cenário nos ajuda a entender a ênfase que se tem à memória nas últimas décadas. Não se pode esquecer que, dentre as tecnologias empregadas para fomentar laços entre os indivíduos, a memória assume um papel primordial. A memória coletiva, nesse caso, funciona como um quadro social que retém certos fatos, valores e crenças que passam a ser percebidos como pontos de referência para indivíduos e comunidades. Dada a multiplicidade de interesses envolvidos na construção da memória, o processo de elaboração de uma memória coletiva é sempre caracterizado por conflitos que têm sua raiz na tensa negociação em torno da definição de uma cartografia do passado. (BEZERRA, 2007, p.38 apud MARINGOLO, 2014 p.109)

Como podemos observar, não foi à toa que autora escolheu esse foco narrativo para escrita do seu romance, uma vez que sua intencionalidade era de resgatar a memória coletiva do povo negro em um processo de resistência e afirmação da identidade negra: “Recorrente na produção de Conceição Evaristo, a memória como fio condutor da narrativa desperta atenção por ser um artifício literário que une forma e conteúdo para tratar de questões referentes à identidade, à hereditariedade e ao resgate da história do povo negro”. (PONCE e GODOY, 2016, p.22)

Percebemos que a memória em Ponciá é mais que um elo com seu passado, podemos entender que Ponciá, ao ficar imersa em sua memória, seria uma tentativa de um auto reconhecimento, de um achamento do eu. Em toda a trama, Ponciá gasta seus dias em recordar seu tempo de menina, um tempo que era feliz e não sabia. “Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milho. [...] Tudo era tão bom” (EV.2017, p.13).

Seu olhar de menina, não a deixava ver tudo o que implicava nascer mulher, negra e pobre. Rodeada da proteção da família sem a preocupação que uma vida adulta, ela vivia despreocupada e alheia até de seu lugar social e o quanto seu locus social lhe impediria mais tarde de conquistar os sonhos acalentados desde menina. O tempo foi passando e Ponciá foi crescendo e seu olhar não era mais de menina e sim de uma mulher adulta que conseguia perceber as desigualdades que lhe circundava. A partir daí, Ponciá vê seu lugar de subalternidade: “Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias”. (EV. 2017, p. 30)

Ponciá vislumbra a oportunidade de ser algo mais do que estava predestinado para si. Mas a sua sina lhe seguia, mesmo fazendo o movimento diásporo em busca de uma vida melhor. Ela, na cidade grande se deparou com a triste realidade e viu que apenas mudou de lugar, mas estava longe de mudar de vida: “O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia”. (EV. 2017, p. 30)

Na citação podemos ver o quanto é difícil o sujeito marginalizado sair de seu lugar social para outro, as amarras são muitas para que o poder não saia das mãos dos poucos e que tem poder de muitos. Assim como mostra Spivaki (2014, p.14) “o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está mais ainda profundamente na obscuridade”. E infelizmente é isso que vemos ao longo do romance, vários fatores tentam silenciar essa voz feminina e negra em Ponciá Vicêncio, no entanto também vemos essa voz a todo momento içando seus ideais.

Na personagem em questão, Conceição Evaristo manifesta as várias opressões que uma mulher negra sofre na sociedade. Ela é silenciada duplamente, primeiro por ser mulher e segundo por ser negra e isso se não levarmos em consideração a classe social. Não podemos ignorar que a mulher branca parte de outro lugar de fala e muitas das vezes é uma das opressoras da mulher negra por não sofrer os grilhões que a cor e muitas vezes o status lhe concerne “A dona olhou para ela de cima a baixo” (EV. 2017, p. 38). Por essa razão, algumas mulheres brancas se sentem em vantagem em relação à mulher negra e sem se colocar em seu papel social, pode discriminar e legitimar o silenciamento da mulher negra. Por isso a identidade reivindicada da mulher negra se institui como sujeito transgressor, histórico e político.

Nesse prisma, vemos Ponciá mulher ser silenciada por seu marido, que exerce o poder patriarcal e sexista que a sociedade lhe concerne. Ponciá e seu marido não têm um casamento harmonioso, os dois quase não se falam, convivem em um relacionamento apático, no qual o amor nunca existiu e que a atração foi se foi com o tempo acabando.

Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão tinham sido exemplos do estado de quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo. Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela. Quantas vezes quis ouvir, por exemplo, se o dia dele tinha sido difícil, se o pequeno machucado que ele trazia na testa tinha sido causado por algum tijolo, ou mesmo saber quando começaria nova obra. Muitas das vezes quis dizer das tonturas e do desejo de comer estrelas de que era acometida todas as vezes que sai grávida. Quis confidenciar a respeito de um medo antigo que sentia, às vezes. [...]. Porém o que mais havia, era o desejo de encontro. E então, um misto de raiva e desaponto tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além da pele. (EV. 2017, p.57-58)

Como percebemos, sua relação era de puro desencontro, e com o passar dos tempos até a relação carnal foi se apagando. Ponciá buscava alguém que fosse além de seu homem, que fosse também seu amigo, seu confidente, enfim, alguém que ela pudesse partilhar seus sonhos e temores. Com o desgaste do casamento veio ao mesmo tempo as agressões, ela batia nela por ela ficar alheia em seu mundo particular, batia por ela não fazer as tarefas em casa, batia nela por não a entender, batia nela por estar frustrado com a vida que vivia, batia, batia e batia.

Um dia ele chegou cansado a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou faze-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. [...]. E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. (EV. 2017, p.82-83)

Ponciá era silenciada a socos e pontapés por quem deveria defendê-la e entendê-la, esse ato de violência que outrora era muito banal e hoje é frequentemente visto com olhar de indiferença pela justiça e muitas vezes, até da própria vítima, no pensamento de vitimização do algoz, quando a mulher diz “ele não queria me bater, estava bêbedo e fora de si”. Ainda nos dias atuais, as taxas da violência contra a mulher são alarmantes.

Ponciá desde pequena sonhava em casar e ser mãe, inventando para si uma história bonita, na qual ela teria uma casa, um bom homem para fazer seus caprichos e filhos para alegrar seus dias “Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também” (EV, 2017, p.25). Porém esse foi mais um sonho frustrado da jovem Ponciá Vicêncio.

[...] o choro de fome ou frio de uma criança invadiu repentinamente os ouvidos de Ponciá. Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia por que eles

havam morrido. Os cinco primeiro ela tivera em casa com a parteira Maria da Luz. A mulher chorava com ela a perda dos bebês [...] os dois últimos ela tivera no hospital. [...] Depois dos sete, ela nunca mais engravidou. (EV, 2017, p. 4546)

Ponciá aqui também é colocada como corpo/procriação, como as negras no tempo de escravidão. As escravas eram obrigadas a parir um filho atrás do outro para formar mãos escravas para os seus senhores. Paria filhos e filhas para verem serem arrancados de seus braços para venda no mercado escravista, se sobrevivessem a fome, pois os seios de sua mãe alimentava os filhos de seu verdugo. Com isso, Evaristo aloca em sua narrativa, tantas e tantas atrocidades sofridas pela mulher negra, em um reviver da história para que essa nunca seja esquecida e sim não repetida. Para manter viva a identidade do povo negro, a autora lança mão de trazer à tona a memória coletiva, para que assim, nunca seja esquecida a luta para que os tempos não volte e para que os que lutaram permaneçam vivos na lembrança dos seus.

De todas as “interferências coletivas” que correspondem à vida dos grupos, a lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na intersecção de muitas correntes do “pensamento coletivo”. É por isso que sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos que só dizem respeito a nós mesmos. Vemos então que não se trata mais de esclarecer uma essência ou uma realidade fenomenal, mas de compreender uma relação diferencial [...]. (DUVIGNAUD, 2006, p.13 apud MARINGOLO, 2014, p. 68)

Ora, não é de estranhar que em meio a tanta violência doméstica e psicológica sofrida por Ponciá, seu interesse sexual por seu marido tenha se esvaído. Era uma mulher que gostava de fazer amor e conhecia seu corpo desde cedo “estava com uns onze anos talvez. [...] Quando tocou lá entre as pernas, senti um ligeiro arrepio. [...] Tocou mais e mais lá dentro e prazer chegou apesar do espanto e do receio” (EV, 2017, p.22). Mas a coação do seu marido para ter um filho era tanta, que ela viu seu corpo/prazer ser substituído por corpo/objeto e corpo/procriação, assim como no passado.

O homem de Ponciá Vicência se mostrava também acabrunhado com a perda dos meninos. A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançosa de ver se salvar o filho. (EV, 2017, p. 46)

Podemos notar na citação acima, que Ponciá além de ter seu útero dilatado sete vezes, como uma vaca parideira, teve que prantear seus filhos sozinha, aguentando os xingamentos e as bebedeiras de um homem que se joga injustiçado por não ter um filho vingado, sem se importar que quem sofria com a situação era sua mulher. Mais uma vez, a voz da mulher é silenciada e seu corpo subjugado aos desejos do homem, em mais uma amostra de violência sexual, uma a mais de tantas sofridas por Ponciá ao longo da vida. O isolamento da personagem também acarreta alguns discursos, embora ela viva em seu barraco isolada por vontade própria, passando a vida em

recordar seu passado. Podemos correlacionar esse isolamento à vida das mulheres, pois eram obrigadas a viverem uma vida restrita ao lar, sendo vistas como anjos do lar ou verdadeiros demônios. Eram obrigadas a viver uma vida resguardada da vida social e inteiramente dedicadas ao seu lar, marido e filhos, enquanto seus maridos usufruíam de uma vida social fora de casa. Esse ponto colocado por Evaristo de forma implícita suscita como era a relação de desigualdade de gênero. Dentre essas vozes femininas apresentadas na obra de Conceição Evaristo, existem outras fora a de Ponciá, temos sua mãe e a prostituta Biliza que mostram outras vertentes dessa voz feminina.

Maria Vicência é mãe de Ponciá, uma mulher forte que com seu jeito manso conseguia harmonizar a família. Foi ela quem ensinou a filha a trabalhar e conhecer o barro, ela e Ponciá ficavam a maior parte do tempo sozinhas na Vila Vicência, entretidas na lida da casa e fazendo suas artes de barro. Maria Vicência não reclamava da ausência dos homens da família, era feliz desse jeito. Ela era a cabeça da família, o que é muito comum nos povos negros, a cultura matriarcal. Quando o marido chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá nas terras dos brancos. O que deveria dizer a eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse em casa: “[...] O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam”. (EV, 2017, p.24-25)

A vida de Maria Vicência mudou quando seu homem morreu, eles se amavam, e ela vivia inconscientemente a esperar que a qualquer momento seu homem rompesse porta a dentro. “A mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. Abraçou o menino e depois lenta e solenemente abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém. Não perguntou nada. Sabia de tudo” (EV, 2017, p.28).

Essa passagem expressa o sentimento de amor entre o casal, como também a sapiência da mulher negra e principalmente a ligação com os mortos. Mas o que mais mexeu com a paz de Maria foi a decisão de sua filha, Ponciá, de deixar o lugarejo onde viviam. Seu coração ficou pesado com a separação repentina e o medo do que poderia acontecer com a filha: “Ponciá deixara a mãe triste, sozinha. Acabrunhada, ela reclamou da saudade que ia sentir da filha, quando a moça lhe falou da inesperada decisão de partir”. (EV, 2017, p.32).

A separação brusca de seus filhos deixou Maria Vicência deslocada e sem rumo. “A mãe de Ponciá Vicência pensava em seus filhos, mas relutava em tomar o rumo da cidade. [...]. Os cabelos dela embranqueceram da noite para o dia. [...]. Ela trazia o coração dolorido. Era como estivesse dentro do peito um grande pote de barro, no qual armazenasse todas as pessoas queridas, e esta vasilha um dia tivesse quebrado, partido”. (EV, 2017, p.65)

O barro era uma ligação íntima entre mãe e filha. Maria guardava viva a esperança de reencontrar seus filhos. Sabia que a sua vida não era ainda um fruto amadurecido. Seus dias não estavam prontos, não era tempo de colher. E, então “se, tivesse de padecer, que experimentasse as dores. Se tivesse de ser só, que sozinha fosse. Se tivesse de abraçar com seus próprios braços, ela mesma criaria o seu próprio anelo, e se auto abraçaria, até que reencontrasse os filhos e os abraços deles abraçassem os abraços dela. (EV, 2017, p. 66).

A mãe com os olhos fechados revivia outras cenas: a menina, Vô Vicência, a passagem dele, a passagem de seu homem, a passagem de Nêgua Kainda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora e por enquanto soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo. E neste ir e vir Ponciá voltava para ela. Para ela, não! A menina nunca tinha sido dela. Voltava para o rio, para águas-mãe. [...]. Maria Vicência, agora com os olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela, no rosto sofrente, feições de mulher. [...] Maria Vicência se alegrou; o tempo de reconduzir a filha à casa, a beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para seu viver. (EV, 2017, p. 107-108).

Maria Vicência apresenta a voz e o coração de mãe, que se vê obrigado a deixar seus filhos partir, alçar voo a terras distantes, mas ela representa o ninho, o aconchego do lar. Ela representa a dor da separação que muitas mães são obrigadas sofrer, principalmente a mulher negra, por não ter como oferecer condições melhores aos seus filhos é compelida vê-los partir em uma eterna diáspora.

A negra Biliza representa a voz da repressão sexual, a sociedade machista embutiu nas mulheres que o desejo sexual é só para os homens, que para a mulher é pecado ter desejo sexual. As mulheres não podem escolher parceiros apenas para o seu prazer, pois isso era coisa de prostituta. O pudor e os bons costumes ditavam que a mulher tinha que ser santa e recada e a prática do sexo só era permitida no casamento e para a reprodução nos tempos de outrora.

Negra Biliza, assim como Ponciá e Luandi saiu de sua vila na zona rural para a cidade em busca de melhores condições de vida para ela e sua família. Trabalhou por muito tempo na casa dos brancos na cidade, depois de muito esforço conseguiu juntar a quantidade de comprar uma casinha

para si e os seus. Quando num dia, sua caixinha com todas as economias sumiu. Quando falou com a patroa que o filho dela, com o qual Biliza mantinha um relacionamento clandestino, poderia ser o culpado, foi expulsa sem nenhuma compaixão e sem nenhuma prata para se sustentar.

Vendo-se nessa situação de desespero não restou outra saída a Biliza, a não ser a prostituição, que infelizmente é o destino de muitas. “Afinal, tantas eram as que chegavam da roça e acabavam ali”. (EV, 2017, p.67). Contudo, Biliza não se envergonhava se ser quem era não tinha vergonha se dar ao prazer e as normas da sociedade não era amarras para ela. “Um dia um homem enciumado chamou Biliza de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é me esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas para quem eu não quero? Eu sou.” (EV, 2017, p. 84). Vê-se que Biliza contradiz todos os âmbitos sociais, e assume sua posição de subversiva.

Apesar disso, dessa firmeza de quem era, Biliza não almejava passar o resto de sua vida sendo mulher-dama. E viu no carinho que sentia por Luandi e ele por ela, um vislumbre de dias melhores. Assim que Luandi propôs casamento a sua estrela Biliza, ela se pôs a confeccionar o enxoval. Mas a maldade do homem lhe alcançou e a estrela Biliza foi brilhar no céu. “Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval”. (EV, 2017, p. 97). Biliza foi silenciada pelo sentimento de posse e covardia do homem, e muitas Bilizas, até hoje, são brutalmente caladas, sem chance de defesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida de Ponciá Vicêncio e das outras personagens negras aqui brevemente analisadas, são marcadas por tantas desventuras e sofrimentos, que nos mostra o quanto a mulher negra é forte, destemida, perseverante e extremamente guerreira diante das adversidades. Que embora os grilhões que as prendam sejam inúmeros, elas estão sempre tentando rompê-los, para que se faça valer seu lugar como mulher e cidadã atuante.

Concluimos, portanto, que a literatura de Conceição Evaristo apresenta a ruptura do silenciamento da mulher negra que outrora era triplamente silenciada, pela etnia, pelo gênero e condição social, constituindo assim a voz da mulher negra como figura de resistência histórica, política e cultural. Assim, a autora também rompe com os dogmas literários e dar voz a si mesma e a todas as mulheres negras através de sua obra.

Nesse contexto, há pelo menos uma esperança que dessa forma, possamos contribuir para combater o machismo, racismo e falocentrismo e possamos visibilizar vozes intelectuais de todas as partes, independentemente de gênero, raça e classe social. Para que aos poucos possamos quebrar as barreiras que impedem as vozes subalternizadas de chegarem ao poder de fala.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. **A literatura negra feminina no Brasil** – pensando a existência. ABPN, v. 1, p. 181-189., nov/fev. 2010 / 2011.

DIONÍSIO, D. **Ancestralidade Bantu na literatura Afro-brasileira: reflexões sobre o romance "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, v. II, 1999.

CHIAPPINI, L. **O foco narrativo**. Série Princípio. São Paulo: Ática, v. 10ª. 2002.

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: SCRIPTA 13, 2º sem. 2009. 17-31.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. PALMARES - **Cultura afro-brasileira**, Brasília, p. 52/56.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 24, p.68-75, fev. 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4ª. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MARINGOLO, C. C. B. **Ponciá Vicêncio e becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias**. Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara - SP, 2014.

OLIVEIRA, A. X. G. D. **Conceição Evaristo e o cânone no Brasil**. II CONALI Congresso Nacional de Literatura, João Pessoa - PB, novembro 2014. 924-934.

RIBEIRO, Djalma. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte – MG: Letramento, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina G. Almeida e Marcos P. Feitosandrê Feitosa. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2014.